

# O MOVIMENTO NEODOCUMENTALISTA E A REAPROXIMAÇÃO ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CONCEITUAL<sup>1</sup>

E-mail:  
gabyfrr@gmail.com  
dmbp@unb.br

Gabriela Fernanda Ribeiro Rodrigues<sup>2</sup>; Dulce Maria Baptista<sup>3</sup>

## RESUMO

Houve um período no qual os estudos sobre o conceito de documento na Ciência da Informação foram preteridos em favor dos estudos sobre a informação. Porém nas últimas décadas os conceitos de Paul Otlet e Suzanne Briet sobre documento e Documentação foram redescobertos por alguns estudiosos e reinseridos na Ciência da Informação, por um movimento intitulado como Neodocumentalista. No presente artigo, por meio de pesquisa bibliográfica, é apontado um caminho histórico e conceitual sobre o surgimento deste movimento a partir das iniciativas de pesquisa de dois grupos, o grupo RPT-doc originário da França e o grupo Document Academy, um coletivo global originado nos Estados Unidos. Apresenta a discussão sobre a definição do termo que intitula o movimento e os argumentos sobre como a necessidade de discutir o conceito de documento no ambiente digital resultou no surgimento da Neodocumentação e, baseado no conceito de Coletivo de Pensamento, de Ludwick Fleck, analisa como as pesquisas e discussões desses pesquisadores configurou o aparecimento de uma nova corrente de pensamento dentro da Ciência da Informação. Conclui que devido mudanças sociais e tecnológicas ocorridas em um determinado contexto histórico, o conceito de documento precisou ser revisitado, tornando-se necessária a organização de outra comunidade de cientistas para novas discussões sobre o conceito.

**Palavras-chave:** Documentação; Conceito de Documento; Neodocumentação; Movimento Neodocumentalista.

## ABSTRACT

There was a period in which the studies about the concept of document in Information Science were set aside in favor of informations studies. However in recent decades, the concepts of Paul Otlet and Suzanne Briet about document and Documentation has been rediscovered by some researchers and reinserted in the Information Science, through a movement named as Neodocumentalist. In this article, through bibliographic research, is identified a historical and conceptual way about the appearance of this movement from the research initiative of two groups, the group RPT-doc originating in France and the group Document Academy, a global collective originated from United States. Provides the discussion about the definition of the term that named

<sup>1</sup> O artigo é resultado da pesquisa realizada durante o desenvolvimento da dissertação de mestrado “Renovando o diálogo entre a Ciência da Informação e a Documentação: o papel do grupo Document Academy”, defendida no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Ciência da Informação, na Universidade de Brasília (PPGCinf/UnB), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dulce Maria Baptista.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Brasília, Brasília-DF. Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Brasília, Brasília-DF. Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0063-214X>

the movement and arguments about how the need of questioning the document concept in the digital environment resulted the appearance of Neodocumentation and, based on Thought Collective concept, from Ludwig Fleck, analyses how these scientists researches and discussions configured the emergence of a new current of thought inside Information Science. Concludes that because social and technological modifications occurred in a particular historical context, the concept of document needed to be revisited, being necessary the organization of another community of scientists for new discussions about this concept.

**Keywords:** Documentation; Concept of Document; Neodocumentation; Neodocumentalist Movement.

## 1 INTRODUÇÃO

Cada época tem suas questões a serem resolvidas, limitações a serem superadas e seu próprio contexto. Quando Gutenberg inventou o tipo móvel no século XV, a proporção de produção e distribuição dos livros aumentou consideravelmente.

A tecnologia da impressão promoveu uma primeira modificação na atividade da organização e preservação de documentos, uma vez que, aos poucos, foi retirada da biblioteca a tarefa de reprodução de manuscritos realizada pelos copistas, que passou a ser feita em oficinas especializadas (ORTEGA, 2004, p.3).

Essa foi uma questão que passou a fazer parte da realidade das bibliotecas e do bibliotecário nos séculos seguintes, que foi sendo apaziguada por meio do desenvolvimento dos conceitos de biblioteca pública, dos primeiros princípios da Biblioteconomia moderna, da Bibliografia Especializada, da Documentação, entre outros, como relata Ortega (2004).

Assim ocorreu com as questões documentárias que Paul Otlet (1868-1944) vivenciou e buscou solucionar por meio da Documentação, a qual foi desenvolvida segundo as influências de sua época.

[...] a criação da obra de Otlet que expressou, em uma abordagem ampla e com grande preocupação formal, a sua inquietude frente aos problemas informacionais de sua época. Desse modo, o *Traité* tornou-se, a partir de então, uma importante referência para pensarmos as questões informacionais hodiernas (RABELLO, 2008, p.20).

Em outras palavras, o legado de Otlet dá a oportunidade de ainda hoje ser utilizado para compreensão de questões atuais sobre o documento, por exemplo, com as devidas considerações sobre o contexto presente. “A fim de compreender claramente a natureza dos problemas dos documentalistas [...], é necessário analisá-los em relação à utilização que a sociedade contemporânea faz da informação escrita” (SHERA; EGAN, 1953, p. 37).

Esse é o caso do movimento neodocumentalista que surgiu nas últimas décadas devido ao crescente interesse sobre a questão “O que é um documento?” e a partir de meados da década de 1990, conforme Buckland (2014), por motivos de um renascimento das ideias de Otlet e Briet, assim como pela argumentação de que qualquer objeto físico, no contexto correto, pode ser considerado uma evidência, logo, um documento. Vale ressaltar que quando se faz referência a esse renascimento das discussões acerca da Documentação, é por parte de pesquisadores anglo-

americanos, como afirmam alguns autores (ORTEGA; LARA, 2009; ORTEGA; SALDANHA, 2017) estes pesquisadores parecem, apesar de conhecerem e serem responsáveis pela disseminação recente para a língua inglesa das ideias de Paul Otlet e Suzanne Briet, desconsiderar os trabalhos relacionados à área, produzido por pesquisadores francófonos, por exemplo.

Entretanto será que apenas o fato de haver interesse no conceito de documento faz deste um problema neodocumentalista? A resposta é não, e assim sendo, como a neodocumentação ou movimento neodocumentalista pode ser caracterizado? Mediante pesquisa bibliográfica, o presente trabalho traça um caminho histórico e conceitual visando à compreensão sobre o surgimento da vertente neodocumentalista. Fundamentado na literatura sobre Documentação e a partir de dois grupos que tem por temática de pesquisa o conceito de documento, a iniciativa RPT-Doc. e o grupo Document Academy, apresenta o surgimento do interesse das discussões sob a perspectiva neodocumentalista.

## *DA RE-DOCUMENTARIZAÇÃO AO MOVIMENTO NEODOCUMENTALISTA*

Em seu artigo “O documento e a ‘via simbólica’: sob a tensão da ‘neodocumentação’”, Gustavo Saldanha (2013) é muito objetivo na sua definição do termo: “o nome ‘neodocumentação’ é, em primeira instância, um discurso que comenta as obras dos primeiros ‘documentalistas’, a saber, o cânone Otlet-Briet” (SALDANHA, 2013, p. 71). E complementa,

[...] não se pode esquecer que o “neodocumentalismo” se organiza no âmbito de um mundo atravessado pelo “determinismo digital”, onde a *web* se apresenta como um dos palcos centrais de atuação do homem. Se é um discurso organizado, ele se dá junto do nascimento, crescimento e consolidação da *web* como espaço de construção de significados sociais na ampla esfera das relações humanas em caráter mundial. Deste modo, reflete não uma visão passadista – retomar o “documento” em seu caráter físico como objeto-chave de nossa reflexão, como pode, por vezes, significar –, mas “refundar” nossa ideia de materialidade (SALDANHA, 2013, p.73).

O movimento neodocumentalista surge com a intenção de compreender como se configura essa nova realidade, na qual o meio físico e o digital coexistem e se faz necessário identificar sua relação para ser viável a conceituação do que é um documento, fazendo uso do suporte teórico da Documentação clássica. Essa corrente de pensamento emerge de diferentes contextos, porém com objetivos similares, por essa razão também há uma diversificação no termo pela qual é nomeada.

Neodocumentalista, neo-documentação e redocumentarização são os termos que aparecem nas publicações encontradas sobre este movimento. Identificar uma data ou contexto exato do surgimento desses termos é uma tarefa árdua, no entanto é possível traçar os rastros de suas aparições.

Em artigo de 2008, Niels W. Lund e Michael Buckland descrevem a intenção de criar um grupo para discussões de uma agenda “neodocumentalista”, que viria a ser a *Document Academy*, uma rede de pesquisas multidisciplinar que desde 2003 atua nas discussões conceituais sobre documento, e da qual fazem parte pesquisadores reconhecidos em Ciência da Informação.

Já o termo redocumentarização aparece anteriormente em uma publicação lançada pelo autor Roger T. Pédaque, pseudônimo escolhido para a *RTP - doc (Réseau Thématique Prioritaire)*, uma rede temática coletiva de pesquisa organizada em 2003 pelo Centro Nacional de

Investigação Científica (CNRS) da França que tinha por objetivo o estudo do documento digital, e era liderada por Jean-Michael Salaün, professor da *École Nationale Supérieure des Sciences de l'information et des Bibliothèques* (ENSSIB). “O objetivo era construir uma cultura comum em torno de um objeto comum, baseada em conhecimentos multidisciplinares e não padronizar pontos de vista ou modos de raciocínio” (SALAÜN; SULTAN, 2010, online, tradução nossa).

Segundo Buckland,

Os pesquisadores deste projeto estavam interessados em diferenças entre os documentos em papel e documentos digitais e as consequências da transição documentos em papel e documentos digitais e as consequências da transição de uma tecnologia para outra - de serem "re-documentados" ao ter registros e comunicações transportados de uma tecnologia antiga de documentos em papel para o novo ambiente dos documentos digitais.(INCID, 2011, p.241)

Esse trabalho coletivo sobre as novas perspectivas do documento resultou em três publicações:

- Document: Form, sign and medium, as reformulated for electronic documents – 2003;
- Le document à la lumière du numérique – 2006;
- La redocumentarisation du monde – 2007.

Lund afirma que a re-documentarização “é o termo francófono equivalente ao movimento da neodocumentação” (LUND, 2009, p. 39, tradução nossa). Lançada em 2007, a publicação sobre redocumenterisation trata da “redocumentarização” pela qual o mundo tem passado, pela ressignificação do conceito de documento a partir do contexto digital. O trabalho coletivo do RPT - doc, sob a autoria do pseudônimo Roger T. Pédaque culminou no livro *Le Document à la lumière du numérique: forme, texte, médium: comprendre le rôle du document numérique dans l'émergence d'une nouvelle modernité* - O documento à luz do digital: forma, texto, meio: entender o papel do documento digital no surgimento de uma nova modernidade. Assim como o grupo Document Academy, a rede RPT - doc foi formada para ser um coletivo multidisciplinar focado no documento e suas questões após o advento da era digital, entretanto não com a intenção de definir um conceito único.

Seu trabalho pode, em vez disso, ser visto como um produtivo brainstorming interdisciplinar, feito de maneira muito sistemática, explorando as dificuldades enfrentadas por aqueles que lidam com os documentos hoje; em outras palavras, quase todo mundo na sociedade. Ao mesmo tempo, é um projeto otimista, buscando possíveis soluções para os desafios da teoria dos documentos hoje no contexto do fenômeno da redocumentarização [...] como autoria, identidade, propriedade intelectual, recuperação de documentos, anotações, princípios de preservação de documentos digitais, documentos multimídia e políticas de documentação (LUND, 2009, p.38-39, tradução nossa).

Na primeira publicação, *Document: form, sign and medium, as reformulated for electronic documents* (2003), Pédaque sugere três definições para documento a partir de uma evolução do documento tradicional para o eletrônico/ digital. Promove um resgate do termo documento desde o

[...] latim *documentum* dando à palavra raízes no ensino (*docere* = ensinar), para sua marginalização pelo mais recente, mais frequente, mas dificilmente mais preciso termo ‘informação’, o conceito comumente aparece baseado em duas funções: evidência [...] e informação (PEDAUQUE, 2003, p.1, tradução nossa)

Busca também definir o documento sob três aspectos: como forma; enquanto sinal, e como mídia. Sobre a forma,

[...] artigo mostra como o documento digital surgiu e como seu desenvolvimento mudou seus elementos constitutivos. Isso pode ser expresso em uma equação básica para documentos, através da mudança da formatação e linguagem de programação/codificação. Pode-se formular o desenvolvimento do documento digital como a progressão do documento analógico (“meio + inscrição”) para o documento digital (“estrutura + dados”) (LUND, 2009, p.34, tradução nossa).

Enquanto sinal, e como texto,

Primeiro, há a ideia de classificação. A classificação é uma questão de “documentos [que] são agrupados em categorias principais, cujos itens diferentes são homólogos e inter-relacionados” (Pedauque, 2003, online); uma questão de coerência. Em seguida, temos a ideia de interpretação: “Quais links o documento sugere ou estabelece e como? Um documento é insignificante a menos que seja lido ou interpretado por um leitor” (Pedauque, 2003, online). A terceira ideia é sobre o signo em si. “Qualquer objeto é potencialmente um sinal e pode ser um 'documento' (Pedauque, 2003, online). (LUND, 2009, p.36-37, tradução nossa).

E finalmente como mídia,

No contexto francês, isso tem a ver principalmente com o papel social do documento - a mediação social do documento; em outras palavras, documentação como comunicação. A partir dessa perspectiva social, o documento tradicional (isto é, analógico) é definido como: Documento = inscrição + legitimidade. Para ser um documento legítimo, “a inscrição deve ter um alcance além da comunicação privada (entre poucas pessoas) e a legitimidade deve ser mais do que efêmera (ir além do momento de sua enunciação) e, portanto, ser gravada, inscrita” (Pedauque, 2003, online). Assim, um documento, até certo ponto, precisa ser reconhecido publicamente e também requer um grau de permanência para ser reutilizado (LUND, 2009, p.38, tradução nossa).

Pedauque (2003) afirma ainda que por ser o conceito de documento onipresente na vida cotidiana e ser objeto de pesquisadores e estudiosos de diversas áreas, não se sentia uma necessidade de definir documento, por ser este considerado um conceito intuitivo e, sendo que o problema está exatamente na falta de definição. A falta de clareza é hoje um problema: a forma eletrônica está revolucionando o conceito de documento, mas não há como medir com precisão o impacto e as consequências devido à falta de contornos claros [do conceito de documento]. (PEDAUQUE, 2003, p.2, tradução nossa).

Um aspecto interessante da publicação é o fato de não haver citações ou bibliografias indicadas, pois devido ao caráter multidisciplinar e a participação de cerca de cinquenta pesquisadores, o coletivo não tencionava privilegiar e “estimular a competição entre os autores ou escolas de pensamento” (PEDAUQUE, 2003, p.3, tradução nossa). Com isto, o que se pretendia era apresentar características intrínsecas ao documento, fornecendo uma ideia do que viria a ser

entendido como movimento da redocumentarização ou neodocumentalista, termos que ainda não apareciam nos textos.

Jean-Michel Salaün pesquisador em Ciência da Informação e um dos responsáveis pelo RTP – Doc, em publicação de sua autoria de forma clara e objetiva, fornece uma definição para o termo redocumentarização. Para auxiliar na compreensão do termo, Salaün retorna ao conceito da *documentarisation*, ou seja, da Documentação<sup>4</sup>. “O objetivo da documentarização é otimizar o uso do documento, permitindo melhor acesso ao conteúdo e melhor contextualização” (SALAÜN, 2007, p. 3, tradução nossa). Esse processo de otimização do uso e acesso ao qual Salaün se refere é o surgimento da Documentação tradicional que pretendia trazer soluções para o trato dos documentos daquela época.

A documentação, nova técnica cultural, teria na ciência e tecnologia (C&T) seu primeiro importante campo de intervenção, em que era preciso acelerar os tempos da circulação dos documentos para dar conta do ritmo acelerado dos avanços científicos. (GOMEZ, 2011, p. 27).

Com a migração do documento para o ambiente digital, a redocumentarização surge para analisar as transformações ocorridas no documento dentro desse contexto.

Essa nova forma de documentarização reflete ou tenta refletir uma organização pós-moderna de nossa relação com o mundo, que pode ser vista nas esferas privada, coletiva e pública, cada vez mais sobrepostas. Como na modernização anterior, o documento participa do processo e desempenha um papel fundamental, mas evoluiu ao ponto de se perguntar se ainda é a mesma entidade. (SALAÜN, 2007, p. 3, tradução nossa).

Vale ressaltar que essa necessidade de analisar as dimensões do documento dentro do contexto digital foi interesse específico do grupo RTP – Doc, criado pelo CNRS. A rede de pesquisa analisou o documento sob diferentes perspectivas (forma, sinal e mídia) sem o objetivo de dar maior ênfase a alguma delas, “cada categoria deve ser vista como uma dimensão dominante, mas não exclusiva” (PEDAUQUE, 2003, p.3, tradução nossa). O principal é a iniciativa do grupo, dando continuidade aos estudos sobre o documento no berço de sua mais alta vertente, a francesa, e dialogando com o movimento que estava retomando os estudos sobre o documento em outras partes do mundo.

Já o foco dos estudos sobre o documento pelo comitê formado na Universidade de Tromsø, na Noruega, afirma Lund (2009), tinha um objetivo mais pragmático que teórico. As motivações para retornar ao documento e a Documentação eram formular um programa de formação que fornecesse base aos profissionais da informação para que estes soubessem lidar com documentos de todos os tipos. Ainda era pouco conhecida a tradição documentalista.

---

<sup>4</sup> Em seu texto *La redocumentarisation, un défi pour les sciences de l'information*, Salaün (2007, p.3) se refere à *Documentarisation* e *Documentation* como termos relacionados a atividades diferenciadas. No entanto em quadro comparativo (SALAÜN, 2007, p. 4) apresentado mais adiante ele se refere a Paul Otlet como autor inserido no movimento da *Documentarisation*. O autor explica que prefere utilizar o termo “Documentarizador” a “Documentador”, por entender que o primeiro realiza uma função mais aprimorada que a segunda. Contudo, por suas referências a Otlet relacionado ao termo *Documentarisation*, para efeitos desta pesquisa entendemos que este termo remete ao termo Documentação como ela é referida nesta pesquisa, ou seja, movimento iniciado por Paul Otlet.

[...] Formulou-se a estrutura conceitual geral para o programa, naquele momento sem muito se saber sobre Otlet ou Briet e as antigas tradições dos estudos de Documentação. A principal razão para escolher o nome “Estudos de Documentação” não foi baseado em um interesse teórico em moldar um novo paradigma dentro da Ciência da Informação, mas em um interesse político muito mais pragmático e geral relacionado a se estabelecer uma Biblioteca Nacional na Noruega em 1989 e ao lançamento simultâneo de uma definição muito ampla do ato de Depósito Legal na Noruega, relativo a documentos de todo tipo - material impresso, televisão aberta, rádio e filmes - e por último, mas não menos importante, a constante mudança na natureza dos documentos digitais na Web (LUND, 2009, p. 39, tradução nossa).

Com essa nova abordagem sobre os estudos de documentação, o trabalho de Otlet ganhou visibilidade e ampliou o espaço para aqueles que tinham interesse em discutir uma nova visão documentalista, “os teóricos atuais do documento, podem se concentrar na diversidade de documentos e estudar a ampla gama de problemas relacionados aos processos de documentação e aos documentos resultantes destes” (LUND, 2009, p.41, tradução nossa).

Entretanto Saldanha alerta que deve ser percebido o fato de que ao tempo que “tomamos a ‘neodocumentação’ para além de uma ‘corrente’, mas como um discurso coletivo e sólido, distinto e provocador” (SALDANHA, 2013, p.70) compreende-se que a partir de uma perspectiva historiográfica nota-se que os temas das atuais discussões neodocumentalistas também estão “[...] envolvendo muito mais do que uma reflexão sobre a revolução eletrônica de meados do século XX, mas, também, o estudo da história da ciência e da tecnologia, da impressão e da editoração, das instituições de informação” (SALDANHA, 2013, p. 70), ou seja, dentro do movimento neodocumentalista a motivação vai além das discussões conceituais, mas se preocupa com a recuperação da construção epistemológica da Ciência da Informação.

Os pesquisadores considerados neodocumentalistas abraçam uma diversidade de assuntos dentro dessa perspectiva. Saldanha (2013) reconhece dentro do movimento neodocumentalista essa abrangência temática que tem o mesmo ponto de partida, a obra documentalista.

Um “neodocumentalismo” trará uma visão que claramente reelabora as possibilidades de conceituar o principal ponto de inflexão colocado por Otlet. Algumas instâncias desta transformação são facilmente verificáveis, enquanto outras demandariam uma análise específica sobre a obra de cada um dos autores que vêm *re*conceituando o documento [...] (SALDANHA, 2013, p.72).

O autor cita como exemplos de pesquisadores em Ciência Da Informação que são considerados neodocumentalistas: Bernd Frohmann, Ronald Day e Niels Lund que retratam a variedade de abordagens que existem no movimento.

### *O DOCUMENTO SOB UMA NOVA PERSPECTIVA*

No verbete “Documento” disponível no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA; CAVALCANTI, 2008) há mais de dez definições, entre as áreas de Biblioteconomia e Arquivologia. E ainda assim poderiam ser consideradas poucas as definições, já que encontrar uma definição para documento é “uma preocupação para os cientistas da informação no movimento da ‘documentação’, buscando melhorar a gestão de recursos de informação desde o começo deste século” (BUCKLAND, 1991, p. 356, tradução nossa).

Entre as definições clássicas do dicionário, se encontra a definição dada por Paul Otlet e a definição da Union Française des Organismes de Documentation (UFOD), a qual embasa a definição de documento dada por Suzanne Briet.

1.2. “Representação gráfica da realidade sob uma forma literária (escrito, texto), ou gráfica, ou plástica (ícone, imagem)” (OTLET, p.372).

1.3. “Qualquer base de conhecimento fixado materialmente, suscetível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova” (UFOD, p.5). (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.132)

Ambas remetem ao conceito de documento tradicionalmente conhecido. No desenvolvimento do verbete é interessante notar a evolução que o ocorre no conceito. Os autores apresentam uma série de definições do documento a partir da década de 1970 e ao observá-las é possível notar as modificações que ocorreram até chegar ao contexto digital. São estas:

2.11. Informação registrada, estruturada para a compreensão humana. Esta definição admite tanto os documentos em papel (substanciais), como os documentos eletrônicos (insubstanciais).

2.12. Unidade que foi recuperada a partir de uma solicitação ao sistema. Pode ser um parágrafo, uma seção, um capítulo, um artigo, um livro ou mesmo uma página web.

2.13. Num sistema de hipertexto, uma coleção de informação, onde se podem enlaçar muitas partes dos documentos, dentro e fora deles. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.132)

Da inclusão de qualquer material que sirva de evidência até a evolução do documento como hipertexto, é notável como o documento e seu conceito são reinventados e renovados conforme o desenvolvimento das tecnologias de cada época. Assim como na época de Paul Otlet, o entendimento de documento vai se expandindo.

Ampliado o conceito de documento, a quantidade e as possibilidades de obter informação ampliam-se também. “Aliás, é a ideia de documento, mais ampla que a de livro, que permite o reconhecimento dos múltiplos suportes de conteúdo informacional que beneficiarão toda e qualquer atividade humana” (TALAMO; SMIT, 2007, p. 34).

O documento além de possuir uma abrangência maior de formas e tipos, agora tinha também sua natureza expandida. O documento não necessariamente nascia como um documento, mas podia tornar-se um, considerando o grau de potencial informação. O documento passa a se relacionar de uma nova forma com a informação, pois agora esta sujeita o documento à intencionalidade e a objetivação. Buckland (1998) afirma que os documentalistas enfatizavam cada vez o que poderia funcionar como documento ao invés de focar no documento e suas formas tradicionais. Rabello (2009b) entende essa fase da ampliação e inovação do conceito de documento a partir das ideias de Briet e seus seguidores, entre eles Ronald E. Day e Michael Buckland, como uma segunda fase da Documentação, uma fase hermenêutica e afirma,

[...] os argumentos comumente empregados por esses autores demonstraram que nenhum documento é propriamente objetivo, ou seja, de que nenhum objeto/suporte nasce com *status* de *documento*, pois tal aspecto valorativo somente se constituirá *a posteriori*. Nesse contexto, o documento será o produto de um processo de objetivação (valoração) num ato interpretativo e de atribuição de significados e sentidos, sob a influência dos aspectos subjetivos “condicionados” pelo contexto social e cultural com os quais os sujeitos necessariamente se relacionam (RABELLO, 2009b, p. 11).

Contudo as tecnologias continuam a se desenvolver e agora, como propõe Buckland (1991), além de encontrar uma resposta para objetos potencialmente informativos, que poderiam se tornar um documento, há também o ambiente digital. Como determinar o que é documento em uma configuração que trazia em sua essência as mudanças no que era conhecido como material/físico? Lund, baseado nos questionamentos de David Levy, na obra *Scrolling forward: Making sense of documents in the digital age* (2001 apud LUND, 2009), sobre os documentos digitais e sua fluidez, aponta uma série de questões pertinentes à investigação do documento suscitadas pela nova era digital.

Se eles [os documentos] são apenas uma coleção temporária de diferentes partes reguladas por alguma linguagem de programação, permitindo uma forma perceptível por tempo limitado, pode-se perguntar se faz sentido falar sobre documentos em um ambiente digital. Alguém pode perguntar: onde está o documento? É possível falar sobre documentos se o documento pode mudar ou até desaparecer dentro de segundos? (LUND, 2009, p.28, tradução nossa).

Era necessário pensar como definir o que é um documento digital. Para Buckland,

A mudança para a tecnologia digital parece tornar essa distinção ainda mais importante. [...] a ênfase na tecnologia de documentos digitais impediu nossa compreensão de documentos digitais como documentos [...]. Um documento convencional, como uma mensagem de correio ou um relatório técnico, existe fisicamente na tecnologia digital como uma sequência de bits, assim como todo o resto em um ambiente digital. Nesse sentido, qualquer distinção de um documento como uma forma física é diminuída e a discussão sobre "O que é um documento digital?" torna-se ainda mais problemática, a menos que nos lembremos do caminho do raciocínio subjacente às amplamente esquecidas discussões dos objetos de Otlet e do antílope de Briet (BUCKLAND, 1998, p.809, tradução nossa).

Fez-se necessário retomar os preceitos documentalistas para entender as novas configurações do documento conforme afirmação de Buckland. Pois só compreendendo o que é um documento na sua essência, com propriedades bem definidas é que se torna possível identificar um documento em qualquer outro ambiente ou suporte que evolui continuamente. "O RTP-DOC tentou chegar a uma definição de um documento eletrônico, mas ao mesmo tempo há o reconhecimento de que esta é uma definição em andamento devido aos avanços contínuos na tecnologia digital" (LUND, 2009, p.35, tradução nossa).

Se outrora o documento já não parecia ser um objeto interessante para análise, ele agora voltava ao centro.

É preciso pensar que o 'documento' não está, como unidade de análise, em perfeito abandono no período que vai dos anos 1960 à virada do século. O documento se traveste de novos significantes – texto, discurso, registro e, principalmente, informação (SALDANHA, 2012, p.9).

Esse cenário impulsionou a redescoberta do trabalho de Otlet por pesquisadores em países onde seu trabalho ainda não era muito conhecido, como Estados Unidos, Canadá e Dinamarca por exemplo. "O ensaio de Otlet (1934) consegue, tantos anos antes, esboçar questões primordiais para a Ciência da Informação [...] questões centrais tais como documento e informação" (PINHEIRO, 2002, p.69).

Pinheiro mostra que entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000 era crescente o interesse em Otlet por parte de pesquisadores como Buckland e Rayward, sendo digno de destaque “a redescoberta, nos EUA, da modernidade de Otlet, reverenciado na Europa” (PINHEIRO, 2002, p.82) de longa data, pois foram os pesquisadores franceses, que mantiveram uma forte tradição documentalista que originaram discussões consideradas antecessoras das ideias neodocumentalistas, como a rede RPT – Doc. Também nas discussões sobre a teoria dos documentos, Lund concluiu que há duas questões que permanecem abertas desde a época de Otlet até os dias atuais.

A primeira é a questão de escolher uma definição ampla ou restrita de um documento, considerar quase tudo como um documento potencial ou especificar o que pode e o que não pode ser considerado um documento. Esta questão está intimamente ligada à segunda questão, os elementos constituintes de um documento [...]: as propriedades físicas de um documento, as circunstâncias sociais de um documento e a interpretação mental ou cognitiva de um documento (LUND, 2009, p.41, tradução nossa).

Assim sendo, há uma problemática que traz novos elementos e precisa de solução (O que é um documento? O que é um documento digital?), um rico referencial teórico esquecido (Documentação tradicional de Otlet-Briet) e pesquisadores em Ciência da Informação dispostos a unir ambos e construir uma solução por meio de uma renovação no olhar sobre esse referencial. Saldanha afirma que “um dos aspectos mais importantes das abordagens tecidas sob os olhares destes autores está no posicionamento de um ponto de inflexão simbólico na reconstrução do conceito de ‘documento’” (SALDANHA, 2013, p.66).

Por meio da reconstituição dos significados históricos e sociais desse conceito, se torna possível visualizar quais são as origens do documento e suas implicações atuais e futuras para a informação.

Não se trata apenas da busca por uma definição de documento, é uma discussão que influencia a forma de pensar e trabalhar a informação registrada no seu novo contexto. É uma questão epistemológica da abordagem dada ao objeto da Ciência da Informação. Buckland afirma que

Utilizar uma visão do universo centrada em documentos fornece uma boa base para tornar a Ciência da Informação mais realista e mais completa através de uma exploração tridimensional que abrange (1) as características físicas de informação, (2) o papel semântico e intelectual da informação e também (3) o amplo papel social de registros (por exemplo, passaportes, declarações fiscais, etc.) [...]. Para uma Ciência da Informação satisfatória, a noção de documento é central e particularmente útil (INCID, 2011, p.236-237).

As discussões no âmbito teórico da Ciência da Informação estão acompanhando as novas configurações sob as quais se apresentam a informação e o documento.

## *COLETIVOS DE PENSAMENTO SOBRE O DOCUMENTO*

Considerado o que foi exposto acima, é oportuno o momento para compreender o atual nível das discussões acerca do documento, no qual o foco não é exclusivo sobre este, mas na modificação dos limites entre a sutil fronteira da noção de documento clássica e o conceito de

informação, motivado em um primeiro momento pelos avanços tecnológicos. Percorrido o trajeto do conceito a partir das premissas documentalistas até a revisitação do conceito pela perspectiva neodocumentalista, partindo da análise da construção do conceito, segundo uma evolução histórico-social, é possível visualizar a evolução tanto do conceito quanto da ciência nos moldes neodocumentalistas.

Em outras palavras, a “neodocumentação”, enquanto discurso epistemológico, é tão grande e vasta dentro da Organização dos Saberes que enquadrá-la como discurso alternativo dentro da expressão “ciência da informação” seria reconhecer uma historiografia falha, como alertado em Rayward (1996), e uma epistemologia unilateral, que só tomaria a “informação” como objeto de estudo dentro da Organização dos Saberes (SALDANHA, 2013, p.75).

Esse quadro evolutivo pode ser compreendido a partir de duas noções presentes na obra de Ludwick Fleck que se refere à construção de conceitos nas ciências, a de “estilo de pensamento” e “coletivo de pensamento”. O autor polonês afirma que “não existe nenhuma geração espontânea de conceitos, senão os que já estão determinados por seus antepassados” (FLECK, 1986, p.67, tradução nossa), ou seja, os conceitos não surgem do nada, eles são construções que ocorrem da junção de outros conceitos já existentes aplicados a novos contextos ao longo das modificações na sociedade. Por exemplo, no caso dos conceitos de documento e informação o resgate do conceito do primeiro surge da necessidade de entender como este é percebido e manejado conforme as suas configurações são modificadas pelas novas tecnologias e pelo papel que exerce no âmbito social.

A epistemologia de Ludwick Fleck<sup>5</sup> auxilia no entendimento das novas relações entre os conceitos da Ciência da Informação e Documentação, já que na perspectiva neodocumentalista o conceito de documento está em construção devido às evoluções tecnológicas e sociais do conceito de informação.

Em sua obra *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, lançada originalmente em 1935, o autor com base nos estudos sobre a sífilis “resgata suas origens medievais até o desenvolvimento da reação de Wassermann, utilizada pelo diagnóstico sorológico dessa doença e, com isso, destaca a estrutura de pensamento das comunidades científicas, seu caráter coletivo, histórico, contextual” (MASSONI; MOREIRA, 2015, p.238). Baseado nesses parâmetros, Fleck compreende o fato científico como um produto social influenciado por fatores e normas inerentes às estruturas sociais e psíquicas da comunidade científica, detentora de uma linguagem específica, de conhecimentos e práticas que se traduzem em um estilo de pensamento. Este, por sua vez, condiciona o coletivo de pensamento. (MASSONI; MOREIRA, 2015, p. 241, grifo). Isto é, assim como os conceitos que não surgem isolados, o fato social resulta da soma das influências que estão a sua volta.

---

<sup>5</sup> Ludwik Fleck (1896-1961) foi um médico polonês, que em sua obra *A Gênese e o Desenvolvimento de um Fato Científico* (1935) apresentou a forma como os estudos sobre a sífilis foram realizados mostrando a evolução histórico-social dos conceitos e da pesquisa. Para alguns, seu trabalho antecipava algumas das questões tratadas por Thomas Kuhn mais tarde. O próprio Kuhn afirma que o livro de Fleck lhe trouxe questões. A partir de então a obra de Fleck ganhou mais visibilidade, para alguns “hoje é considerado na Europa como pioneiro na abordagem construtivista, interacionista e sociologicamente orientada sobre história e filosofia da ciência (Cohen & Schnelle, 1986; Löwy, 1990a; Lie, 1992)” (DELIZOICOV et. al., 2002, p. 53) e para outros “o pensador polonês continuaria resguardado dos riscos da adesão ao construtivismo radical” (NOGUEIRA, 2012, p. 116).

Esses fatores interferem também no modo de fazer, de produzir ciência, o que Fleck define por estilo de pensamento como um perceber, elaborar e executar os fatos partindo de uma determinada compreensão intelectual e objetiva do que é compreendido, assim “toda a atribuição de significados ao mundo, operada pelo cientista, exige a utilização de um instrumento de mediação, o estilo de pensamento, originado da cooperação dos esforços conjuntos mobilizados pela comunidade de cientistas atuante” (NOGUEIRA, 2012, p.41) e esta comunidade Fleck define como coletivo de pensamento. “Um coletivo de pensamento existe sempre que duas ou mais pessoas trocam ideias” (FLECK, 1986, p.149, tradução nossa).

Para o autor, um coletivo de pensamento representa o intercâmbio de ideias subjetivas entre os indivíduos, resultando dessa troca um pensamento, formado pelas subjetividades dos diferentes indivíduos, e que representa aquele coletivo de forma mais geral. “Após uma série de transformações não resta praticamente nada do conteúdo original. De quem é o pensamento que continua circulando? Obviamente, de nenhum indivíduo concreto, senão que de um coletivo” (FLECK, 1986, p.89, tradução nossa).

Assim é possível sintetizar esses dois conceitos de Fleck na seguinte situação, partindo das próprias subjetividades de ideias, que são influenciadas todo tempo pelos mais diferentes agentes: os indivíduos (cientistas) na sua comunidade ativa trocam ideias e é a partir dessa troca que resulta o coletivo de pensamento, que por sua vez utiliza como mediação o estilo de pensamento. O que une essa comunidade é seu interesse na construção coletiva de uma ideia que os represente, essa motivação está presente na iniciativa da rede RPT–Doc, por exemplo. “Estudos recentes tem observado que a Ciência da Informação se insere no contexto de ciência moderna onde o novo modo de produção de conhecimento envolve diferentes mecanismos de gerar conhecimento e de comunicá-los” (SOUZA, 2007, p.81). É perceptível também na iniciativa do grupo Document Academy, fundado por Niels W. Lund juntamente com Michael Buckland e outros pesquisadores, que tem por objetivo ser grupo de discussão interdisciplinar que trabalha o documento como uma abordagem, conceito e ferramenta útil para a sociedade em geral, tal como ambos defendem (BUCKLAND; LUND, 2008, tradução nossa). Este grupo que se reúne desde 2003 originou-se dos encontros acadêmicos entre Michael Buckland, Niels W. Lund e W. Boyd Rayward, e desde 2014 é possível acompanhar as contribuições do grupo por meio de suas publicações no periódico *Proceedings from the Document Academy*, nas quais aparecem as necessidades, os espaços e os interesses em revisitar esses dois conceitos da Ciência da Informação sob a perspectiva da Documentação, dentre outras existentes no grupo.

## *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

O entendimento sobre os grupos de pesquisa que discutem o documento sob a perspectiva de estilo de pensamento e coletivo de pensamento auxiliam a refletir sobre a situação vivida atualmente de aproximações entre a Ciência da Informação e a Documentação. Por muito tempo corroborou-se a ideia de que as atenções dos estudos da Ciência da Informação deveriam se voltar exclusivamente para a noção de informação, considerando ultrapassadas as discussões acerca do conceito de documento. Conforme as novas tecnologias abriam caminhos na Ciência da Informação, seu objeto de estudo (a informação) precisou se adaptar e foi se modificando materialmente. Contudo essas mudanças começaram a se tornar tão abruptas que novos conceitos e teorias se formaram.

Com o decorrer das mudanças sociais, tecnológicas e conforme seu contexto histórico, tais conceitos não mais eram suficientes, tornou-se necessária a organização de uma comunidade de cientistas para que surgisse um coletivo de pensamento que possibilitasse novas discussões sobre o conceito. A iniciativa de grupos como RPT-Doc e Document Academy, comunidades de pesquisadores que, com base em suas convicções e áreas de estudo, construíram uma visão diferenciada do conceito de documento na atualidade. “Os problemas de pesquisa, projetos ou programas nos quais são focados temporariamente constituem novas áreas de produção do conhecimento” (SOUZA, 2007, p.81). Visão esta que manifesta, em um coletivo de pensamento, um novo entendimento sobre o conceito de documento, que não é nem o da Ciência da Informação nem o da Documentação isoladamente, mas sim um entendimento neodocumentalista.

## REFERÊNCIAS

BUCKLAND, M. Documentality beyond documents. *The Monist*, vol. 97, n. 2, 2014. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/docbeyond.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

BUCKLAND, M. Information as thing. *JASIS*, v. 42, n. 5, p.351–36,1991. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>. Acesso em: 04 fev. 2020.

BUCKLAND, M. What is a document? *JASIS*, v.48, n. 9, p.804-809, 1998. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CUNHA, M.B; CAVALCANTI, C.R.O. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451p.

FLECK, L. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico: introducción a la teoría del estilo de pensamiento y del coletivo de pensamento*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

GÓMEZ, M.N.G. de. A Documentação e o Neodocumentalismo. **IN**: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S.P. (Org.). *Ciência da Informação e Documentação*. Campinas, SP: Alínea, 2011. 141 p. p.23-36.

HJØRLAND, B. Documents, memory institutions and information science. *Journal of Documentation*, v. 56, n.1, p. 27-41, 2000.

INCID. Entrevista Michael Buckland. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 2, n. 1, p. 230-242, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/download/42344/46015/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

LUND, N. W. Document theory. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 43, p. 399-4321, 2009.

LUND, N. W. How it all started: 1996, the first year of Dokvit. In: *Proceedings from the Document Academy*, v. 3, n.1, art.2, 2016. Disponível em:

<https://ideaexchange.uakron.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1046&context=docam>. Acesso em: 04 fev. 2020.

MASSONI, N. T.; MOREIRA, M. A. A epistemologia de Fleck: uma contribuição ao debate sobre a natureza da ciência. Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 237-264, maio 2015. ISSN 1982-5153. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2015v8n1p237>. Acesso em: 04 fev. 2020.

NOGUEIRA, F. S. Ciência e Linguagem: Fleck e o estilo de pensamento como rede de significados na ciência. 2012. 234 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8YYQXG/1/disserta\\_o\\_arquivos\\_reunidos\\_.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8YYQXG/1/disserta_o_arquivos_reunidos_.pdf). Acesso em: 04 fev. 2020.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. DataGramaZero, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7649>. Acesso em: 04 fev. 2020.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. In: IX Congreso ISKO - España: nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento, 2009, Valencia. IX Congreso ISKO - España: nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento. Valencia: Editorial UPV, 2009. Disponível em: [http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/528-544\\_Dotta-Ortega.pdf](http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/528-544_Dotta-Ortega.pdf). Acesso em: 04 fev. 2020.

ORTEGA, C. D.; SALDANHA, G. S. A noção de documento desde Paul Otlet e as propostas neodocumentalistas. In: XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2017, Marília. Anais. Marília, 2017. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII\\_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/163/1086](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/163/1086). Acesso em: 04 fev. 2020.

PÉDAUQUE, R.T. Document: form, sign and medium, as reformulated for electronic documents. 2003. Disponível em: [https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic\\_00000594/document](https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00000594/document). Acesso em: 04 fev. 2020.

PINHEIRO, L.V.R. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa, UFPB, 2002. P.61-86

RABELLO, R. O documento na Ciência da Informação: tradição e inovação conceitual a partir de uma abordagem histórica e epistemológica. Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação; 2009; João Pessoa. ANCIB: 2009b.

RABELLO, R. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 13, n. 26, p. 17-46, out. 2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n26p17>. Acesso em: 04 fev. 2020.

SALAÜN, J.M. La redocumentarisation, un défi pour les sciences de l'information. *Études de communication* [on line], oct. 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/edc/428>. Acesso em: 04 fev. 2020.

SALAÜN, J.M.; SULTAN, F. Roger T. Pédaque, l'aventure d'une écriture collective. *DHP: dialogues, propositions, histoires pour une citoyenneté mondiale*. França: 2010. Disponível em: <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8220.html>. Acesso em: 04 fev. 2020.

SALDANHA, G.S. O documento e a "via simbólica": sob a tensão da "neodocumentação". *Informação Arquivística*, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 1, p. 65-88, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www.aerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/17>. Acesso em: 04 fev. 2020.

SALDANHA, G.S. O "fabuloso" antílope de Suzanne Briet: a análise e a crítica da análise neodocumentalista. 2012. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1093/SALDANHA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04 fev. 2020.

SHERA, J.; EGAN, M. Exame do estado atual da Biblioteconomia e da Documentação. In: BRADFORD, S. C. *Documentação*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292 p.

SOUZA, M.P.N. Abordagem inter e transdisciplinar em Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L.M.B.B. (org.). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, p.75-90, 2007.

TÁLAMO, M de F.G.M.; SMIT, J.W. Ciência da Informação: transgressão metodológica. In: BENTES PINTO, V.; CAVALCANTE, L.E.; SILVA NETO, C. *Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações*. Fortaleza: Ed. UFC, p.23-47, 2007.